

Entrevista do Projeto Trabalho e Identidade

Fita 1 – Lado A

Duração: 24 minutos.

Entrevistadora: Carolina Chaves Ferro (C)

Entrevistada: Teresinha Ribeiro (T)

C: Qual o seu nome?

T: Teresinha Ribeiro, Teresinha Ribeiro.

C: Quantos anos a senhora tem?

T: 71.

C: Qual a sua profissão?

T: Cabeleireira.

C: Onde a senhora mora?

T: No Engenho Novo.

C: Pode falar a rua?

T: Eu moro na Dona Romana.

C: Você é carioca?

T: Não, sou bahiana.

C: E, você veio pra cá quando?

T: Ah... muitos anos atrás, já tem uns 40 anos.

C: E você é casada?

T: Não.

C: E já casou alguma vez?

T: Não, já tive relacionamento, mas casar no papel não.

C: Já viveu né? Com uma pessoa?

T: Atualmente vivo.

C: Tem filhos?

T: Não.

C: É, na Bahia, você já trabalhou?

T: Não porque eu saí de lá criança, saí de lá com uns 10 anos, morei em São Paulo uns tempos, depois que eu vim pro Rio. Comecei minha vida aqui.

C: E você estudou até que ano?

T: Oitava série.

C: Você fez curso de aperfeiçoamento de cabeleireira?

T: Aliás, eu minto hein. Em São Paulo eu fiz um curso de cabeleireira, fiz um curso profissionalizante, é... depois que eu me transferi pro Rio.

C: E seus pais? Eles trabalhavam em que?

T: Minha mãe [era ou é?] dona de casa né? Nós somos seis filhos e meu pai era viajante, tanto é que ele morreu muito jovem, muito cedo, uns 46 anos, aí a minha mãe continuou a jornada. (Nesse momento ela pede que eu pare o gravador, pois se emocionou quando tocou no nome do pai).

C: Então a sua mãe trabalhou depois que o seu pai morreu?

T: Não, eu fui [arrive] de família muito cedo, eu que ajudava em casa, na... na manutenção da casa, em tudo era eu...

C: E seus irmãos? Eles não trabalhavam pra ajudar na casa também? Nas despesas?

T: Eu tenho um irmão mais velho, tenho uma irmã que também se formou, mas aí eles tinha a vida deles, que tudo era por minha conta mesmo, eu era que fazia tudo em casa, eu que ajudava nas despesas, pagava aluguel, nas despesas, ajudava eles estudá, tudo era eu.

C: Mesmo você não sendo a mais velha né?

T: É, porque graças a Deus, [uu], quando eu comecei a trabalhar, o meu salário já dava pra isso. Quando eu comecei aqui no salão, há 40 anos, o que eu ganhava dava perfeitamente.

C: E você sempre trabalhou neste salão?

T: Já, eu sempre trabalhei aqui, há, eu entrei aqui em 61, tem exatamente 43 anos.

C: E então o que você ganha é suficiente para sustentar uma família?, uma família grande?

T: Veja bem, quando eu comecei no início, tudo era mais fácil né? O, não tinha como tinha hoje, a concorrência, então eu realmente já peguei o salão com uma freguesia boa [hum], era assim uma seleção muito, primeiríssima linha, já tinha a freguesia formada. Então o que eu ganhava, dava perfeitamente. Hoje... [C: Hoje mais ou menos? (rindo)]. Pra menos [risos]. Eu também to aposentada né? Então é um complemento aqui.

C: É, você se aposentou e... na verdade teve que continuar a trabalhar? Pra poder se sustentar?

T: É exatamente, porque... depois que os meus irmãos casaram, foram viver suas vidas, eu tenho esse companheiro comigo que também não trabalha e eu continuei mantendo a casa, e eu ajudo muito as pessoas [tosses].

C: O seu companheiro então, ele não, ele ta desempregado, ou ele é aposentado?

T: É, u... sei lá, por ironia do destino ele não tem profissão né? É um pouco mais novo que eu e nunca deu sorte assim com emprego na vida, ele fica assim; trabalha dois meses, fica um mês parado, carteira assinada só no início. Depois ele, nunca mais ele conseguiu. Ele já teve assim... um barzinho dele que também não deu certo... por aí.

C: Tem mais alguém, além de você, que ajuda nas despesas da casa?

T: Não, na verdade a minha mãe ganha aposentadoria também de coisa, mas é um salário e é só pra ela mesmo, comprar um remedinho ou outro. Não ajuda assim em nada. O dinheiro é totalmente dela.

C: Ah! Então mora na sua casa... Quem mora dentro da sua casa?

T: Eu, minha mãe, meu companheiro e sempre tem sobrinhos que ficam uma semana, tem irmão que às vezes vai, fica final de semana.

C: E se acontecesse de você ter que parar de trabalhar por algum, alguma causa qualquer, o que que você acha que aconteceria?

T: Bom, aí realmente é uma pergunta difícil porque, eu tenho a minha aposentadoria, eu me aposentei na época com oito salários, mas com aquela mudança do Collor, foi [han], defasada né? Então hoje eu recebo em torno de quatro salário mínimo. A minha despesa em casa jamais, não daria pra cobrir. Então ficaria difícil, muito difícil.

C: É, de carteira assinada, você me falou que esse foi seu primeiro emprego, e sem carteira assinada? Me fala sobre as suas primeiras experiências assim com o trabalho.

T: Bom, aí como eu falei que eu vim de São... que eu vim da Bahia né?, e cheguei em São Paulo eu tinha uns 12 pra 13 anos. Comecei a trabalhar na a..., é até naquela... na [Suifti} né? Na [Balisere], mas como era coisa assim, pequena, naquela época meu pai, tinha meu pai, eu só trabalhava assim por trabalhar né? Eu queria ter meu dinheiro, ser independente, mas não era assim... obrigatoriamente entendeu? Não era que precisasse. Mas com carteira assinada foi aqui no Rio. Eu cheguei em julho e comecei a trabalhar..., eu cheguei em junho e comecei a trabalhar em julho, em 61 e desde desse tempo, todo tempo aqui, carteira assinada bonitinho, me aposentei aqui.

C: É, agora fala um pouquinho sobre o seu trabalho de cabeleireira, como é que você conseguiu o trabalho?

T: Bom, eu falei que eu me formei em São Paulo, fiz curso em São Paulo, entendeu? Numa escola, que no momento eu não me lembro o nome, mas eu fiz em, um curso lá com mais vinte e colegas, eu tirei segundo lugar, aí com honra e tudo, teve festa e depois que eu me, fui transferida aqui pro Rio, que eu vim pra cá, e por sorte minha eu cheguei aqui, procurei emprego, tinha, e eu gostei do ambiente, gostei da equipe que trabalhava, fui ficando, teve clientes maravilhosas, maravilhosas, me ensinaram muito. Um pouco do que sou eu devo a elas porque... tudo aquilo, pessoas de alto nível. Eram diretoras, professoras, é trabalhavam na Câmera, então foi gente assim muito, mulheres de militares, mas sempre um pessoal de gabarito, tudo gente finíssima.

C: Então você foi bem recebida no Rio de Janeiro né? E em São Paulo? Como é que você foi recebida?

T: Bom, São Paulo, eu fui bem recebida né? Mas aqui no Rio, sem dúvida foi nota dez, de um a dez seria dez. Em termos também de amizade, eu tenho uma grande amiga em São Paulo, há 50 anos, mas aqui no Rio eu tenho muitas amigas, entendeu? Mas sem dúvida foi no Rio que eu fui bem recebida.

Eu tudo que eu tenho, abaixo de Deus eu devo aqui ao meu trabalho e ao Rio de Janeiro. [a fita é interrompida pois chegam colegas de trabalho para conversar com a Teresa]

C: E você não tem vontade de voltar para a Bahia? Ou você visita lá de vez em quando, mas sempre volta pro Rio, gosta de morar aqui, gosta de trabalhar aqui?

T: Olha, sempre eu vou à Bahia, e a São Paulo também que eu sou muito grata, o que me fazem, o que eu... sou sempre grata né? Então sempre ia à Bahia, muito quando a minha vó era viva, ia todos os anos, mas agora eu vou assim esporadicamente. De 4 em 5 anos, que eu tenho parentes, tenho tios lá, mas voltar a morar na Bahia, eu acredito que não, não sei né? Acho que não.

C: Agora vamos falar um pouquinho sobre você. A sua religião.

T: Bom, eu... sempre fui um pouco mística, entendeu? Então até, quando eu perdi meu pai há... 30 anos atrás, eu dizia que eu era espírita. Mas depois quando a gente não encontra Jesus pelo amor, encontra pela dor, aí eu fui me chegando pra Igreja. Hoje, eu faço parte de um grupo de oração, no qual eu to muito satisfeita. Eu acho que sem religião a gente não chega a lugar nenhum, se a gente não tiver uma fé em Deus, você não é nada. Então hoje eu dou graças a Deus por ser Católica.

C: Como é que é o seu grupo de oração? Você tem muitas amigas e elas tem profissões distintas, qual o nível social das pessoas lá?

T: Bom, nosso grupo é, lá na Consolação, lá perto da Dona Romana mesmo, na Barão de Bom Retiro. No... nosso grupo deve ter umas vinte pessoas, a dirigente é uma pessoa maravilhosa, é uma pessoa que não tem nível nenhum superior, ela pelo contrário é analfabeta, mas ela é uma pessoa assim de um... é... super humana, pessoa muito assim [ungida], tem uma outra também Lourdes, que ela é... enfermeira, ela é uma pessoa maravilhosa. Tem a Didi, tenho eu, e assim, as mais chegadas são essas quatro, Didi, Graça, Lourdes e eu e a Romilda, mas é... o pessoal é 100%. É toda semana, de oito horas às dez, de oito às dez.

C: É, voltando ao seu trabalho, c acha que tem diferença entre homem e mulher na sua profissão?

T: Como profissional você diz? [C: Pode ser como profissional]. Bom, como profissional homem, mulher, tem homens profissionais que... de um a dez eu daria dez pra eles, são excelentes, tenho assim colegas de profissão maravilhosas, profissionais de primeiríssimo nível e eu acho que a profissão hoje, ela, apesar da concorrência ser muito grande, é muito melhor do que no início. Tem muito mais... assim novidade pro cabelo, coisa assim que engrandeceu muito. Antigamente a gente, por exemplo, só tinha um tipo de... vamos dizer pra amaciamento, alisamento, só tinha um, um produto, hoje tem milhares, e se a gente fizer curso, se aprofundar, um melhor que o outro, fica difícil a escolha. E os cabeleireiro atualmente, eles tão certo, porque eles procura muito assim, dentro da profissão, se atualizarem, o que é certí... o que é corretíssimo, eu acho que eles deveriam procurar fazer isso, pra você proporcionar cada vez mais assim a... cliente, o... o melhor possível né?

Porque a mulher quê o que? Beleza né? E o cabelo é... é assim, primordial em tudo, se ela tem o cabelo bonito você fica feliz né? [tosse]. Então a gente tem que ta atualizado, fazendo cursos, e aprimorando cada vez mais, pra cada vez apresentar melhores produtos para elas.

C: Antigamente... eram mais as mulheres ou homens que eram profissionais que tomam conta do cabelo, assim que cuidam do cabelo?

T: Ah! Sem dúvida era a mulher né? Que o homem quando era assim era barbeiro, e ele não mexia com a parte de, de... feminina, era só cabelo e barba. Hoje não, inclusive eu tive um amigo, até ele era egípcio, [Dori], ele foi aluno do curso quando eu fiz em São Paulo, ele foi que tirou primeiro lugar, eu tirei segundo por causa de que ele tirou em primeiro. Mas ele deu assim, um show. Ele me mostrava que realmente ele veio pra isso. Ele era assim, um cabeleireiro de mão cheia. Mas hoje não, hoje tem mais profissional homens né? Entre aspas né? Que são profissionais realmente bons, são bons mesmo. Eles acreditam no que eles fazem, fazem bem feito.

C: Qual a importância da sua profissão na sua vida? Que que ela te traz de importante? Assim?

T: Bom, a gente tem que gostar do que faz né? C fazer as coisas com amor, c... tudo que c faz com amor faz bem feito né? E claro, evidente que é meu ganha pão. Eu mentiria se dissesse que não, mas eu trabalho realmente porque eu gosto da minha profissão, eu gosto de ver um trabalho bem feito, eu gosto de ver um cabelo bonito, um cabelo bem elaborado, um cabelo bem tratado, eu fico satisfeita de fazer aquilo. Então pra mim, eu acho que é fundamental você fazer as coisas com amor realmente, com gosto, com convicção daquilo que você quer realmente.

C: E você acha que as suas clientes saem satisfeitas do salão? Elas voltam? Procuram?

T: Bom, eu, com a minha bagagem de tempo né? Eu tenho clientes que me acompanham quarenta anos. Claro, evidente que muitas morreram, muitas ficaram pelo caminho, muitas se mudaram, mas eu tenho ainda uma porção de freguesas de 30 anos que vem do Leblon, que vem do Recreio. Então, se elas não tivessem aí, eu não voltaria, então é mais assim uma amizade né? Eu a... acredito até que elas venham por... por amizade. Porque elas deixam milhares e milhares de salões, bem melhores né? Mas vem aqui por causa da amizade, da confiança é claro [tosses].

C: E agora uma pergunta fundamental assim, o que significa pra você ser trabalhadora?

T: Olha, eu acho que ser trabalhadora é uma coisa que nasceu comigo. Eu desde pequena, sempre quis ter meu dinheiro, ser independente, então acho que é uma coisa assim, que vem de... de... ta den... não é mexe contigo, c tem que trabalhá, c tem que ser independente, c tem que produzir, c tem que ser alguém, mas por você, entendeu? Pra você se sentir gente, se sentir realizada. A ociosidade realmente pra mim, é assim uma coisa muito negativa, uma coisa triste.

C: E, você tenta passar isso pros seus sobrinhos, pras outras pessoas, que é importante o trabalho.

T: Ah! Sem dúvida, pros meus sobrinhos, pros meus amigos, até pras próprias crianças que vem aqui, que muitas vezes me dá até lição também, por serem pequenos, eles também já me dão lição. Eu sempre passo isso. É importante mesmo, o trabalho é tudo na vida. Primeiramente a saúde lógico, depois o trabalho que é a sua dignidade.

C: C acha que os jovens hoje em dia escutam os mais velhos?

T: Olha Patrícia... Escuta sim. Eles escuta porque... mesmo lá na Igreja, o... [tosse] tem um grupo de... um grupo de oração que é de jovens. E é assim uma coisa linda se ver. Jovem mesmo que c fica assim, você fica feliz por vê eles, te dando uma palestra deles até... sábios mesmo. Então c fica feliz, um menino assim de 17 anos é uma coisa bonita, uma coisa que c vê que nessa hora acho que Deus diz assim: Poxa... valeu a pena investir no ser humano, porque dá gosto de você ver. Mas é claro que tem os que não dão bola. Porque aí também não sei se é a criação ou se foi oportunidade né? Não sei. Mas eu acho que sempre escuta sim.

C: C pode me ensinar um pouquinho do seu trabalho? Alguma coisa?

T: O que? [tosse] Alguma coisa? [C: É, qualquer coisa que quiser, como é que mexe com o cabelo, as pessoas, se você demora muito tempo, se trabalha com prazer, com alma...]. Por exemplo, eu quando pinto um cabelo, um cabelo por exemplo de uma pessoa, uma senhora vamos dizer de uns 40 anos, 45, que ela chega com o cabelo assim ruim, danificado. Puxa... tenho o maior prazer em transformar aquela cabeça num, num, e depois aquele rosto numa outra pessoa, pintá, entendeu? Dá vida aquele cabelo, dá cor naquele cabelo e você vê um olhar dela, o sorriso dela, já é o, já é o pagamento, aquele cabeça, aquele cabelo brilhoso, aquele cabelo bonito, sem branco, naturalmente. Então a felicidade delas já é o preço, pra mim já basta, é muito gratificante.

C: E você é feliz?

T: Feliz... eu acho que não existe ninguém, porque... mas de modo... comparando a minha vida com a de muitas pessoas, eu sou feliz sim porque eu tenho uma família estruturada, tenho uma mãe que é maravilhosa, tenho irmãos que graças a Deus, nós somos unidos, e meu companheiro apesar do trabalho, vivemos muito bem. Então tem saúde, tem meu salariozinho. Eu poderia dizer que eu sou uma mulher feliz. Mas não sou porque... a vida dos outros, ou a infelicidade dos outros, é uma coisa que toca muito em mim. Então, eu gostaria de ver todo mundo feliz, entendeu? Se você ta triste, eu fico triste também. Fico mesmo, isso não é demagogia, fico mesmo. E fico sempre orando por você, quer dizer, você que eu digo é... [sem dizer?] especificamente. Então, eu não gosto de ver ninguém triste, com problema, doente, eu não gosto, isso me afeta muito.

C: [o gravador tinha parado pelo fim da entrevista, quando estava guardando, ela me pediu para gravar um agradecimento para mim. Não tive como negar, acabei gravando um pedaço do meu agradecimento, e depois um agradecimento mais formal] Nossa, que isso, eu que agradeço.

Bom Teresa, queria agradecer você, muito obrigada pela entrevista. Tudo de bom na sua vida, e muito obrigada mesmo [sorrindo muito].

T: Eu Patrícia... que te agradeço, por você me dar essa oportunidade, de falar com você, de falar um pouquinho sobre mim. Você foi muito, c foi muito gentil, c é uma pessoa super legal, uma pessoa que tem um olhar bonito. E eu desejo pra você toda sorte do mundo e todos que te rodeiam. E obrigada, agradeço eu, de coração. Deus abençoe.